Editor: José Carlos Vieira (Cidades)
josecarlos.df@dabr.com.br e
Tels. : 3214-1119/3214-1113
Atendimento ao leitor: 3342-1000
cidades.df@dabr.com.br

EXTREMISMO

PCDF desvenda planos para supostos ataques

Dois menores, suspeitos de planejar atentados a duas escolas públicas do Distrito Federal, foram indentificados por meio de postagens em redes sociais. Um deles está em tratamento psiquiátrico e o outro foi encaminhado à Delegacia da Criança e do Adolescente II

» DARCIANNE DIOGO
» ANA CAROLINA ALVES
» MILA FERREIRA

O caso de dois adolescentes suspeitos de planejar um ataque a duas escolas públicas do Distrito Federal reforça uma ferramenta essencial de prevenção à violência escolar, mas que, na prática, segue falha: o monitoramento de redes sociais por parte dos responsáveis. Vídeos, fotos e mensagens com apologia à violência eram compartilhados sem discrição pelos dois menores em grupos virtuais, até serem interceptados pela Polícia Civil.

A Divisão de Prevenção e Combate ao Extremismo Violento da Polícia Civil (DPCEV) impediu a ação e cumpriu ordens judiciais contra os suspeitos. O fato chamou a atenção das autoridades da capital. "A investigação da Polícia Civil foi muito importante para evitar uma tragédia", disse o governador do DF, Ibaneis Rocha (MDB), durante a entrega da escritura pública de Concessão de Direito Real de Uso (CDRU-S) ao Sindicato dos Policiais Federais (Sindipol/DF).

A operação que frustrou o plano dos jovens começou na quinta-feira passada e teve o desfecho na segunda-feira. Após receber alertas, os policiais monitoraram as redes sociais e descartaram, inicialmente, algum risco iminente, uma vez que a mãe de um dos adolescentes descobriu o plano e repreendeu o filho. Uma fonte ligada à investigação contou ao **Correio** que a dupla estava "em processo de radicalização para atos extremistas em ambiente escolar" e que se baseava em crimes semelhantes ocorridos no Brasil e no exterior.

Os documentos analisados pela polícia no decorrer das investigações formam um compilado alarmante. Os jovens trocavam conversas nas quais afirmavam que "iriam entrar para a história". Nas redes sociais, usavam nomes em referência a atiradores responsáveis por um massacre nos Estados Unidos.

Ataques

Os adolescentes planejavam atacar a escola em meados de setembro. Segundo a fonte policial, as ameaças feitas, tanto em vídeo quanto por meio de mensagens, eram uma forma de espalhar "pânico". Numa filmagem, um deles diz ao outro que a data inicial não seria possível, pois alguns itens não estavam prontos. Um dos menores sugere: "Eu estava pensando em outra data. Que tal no seu aniversário? Até lá, vai estar tudo pronto. O presente vai ser atirar, matar gente". O outro reage: "Vou virar maior de idade, aí já posso ir preso". "Já pode ir para o inferno", acrescenta o outro. Em seguida, um deles afirma que planejava comprar uma arma de fogo ilegalmente.

A polícia identificou um site mantido pelos jovens contendo discursos de ódio contra mulheres, negros e pessoas LGBTQIAPN+, além de fazer apologia ao nazismo. Para ampliar o alcance, utilizavam o TikTok, onde algumas contas foram derrubadas pela plataforma, devido ao conteúdo extremista.

No material apreendido, havia transmissões, vídeos e mensagens em fóruns digitais com ameaças e símbolos nazistas. Em um áudio enviado via WhatsApp, um deles afirma: "Se eu pudesse, faria uma espécie de nazismo no Brasil".

Em outro áudio, o menor cita símbolos nazistas na roupa que usa e enumera outros, detalhando o significado deles. Em um dos vídeos, a dupla aparece em uma praça, onde reproduz um símbolo empregado no contexto da Alemanha pós-nazista, por neonazistas. Além disso, os menores reproduziam falas racistas.

Em outras mensagens interceptadas pelos investigadores, um deles dispara. "Cala a boca, filho da p... traveco de merda. Vai virar homem de verdade pra tu querer falar de nós, vai chupar um canavial [...], seu viadinho. Aqui é Brasil, seu argentino de merda. Se eu te ver na rua, eu te espanco todo e piso no seu crânio com meu coturno e cuspo no seu crânio, seu traveco de merda." Os dois também gravaram um vídeo no qual queimam uma bandeira símbolo da comunidade LGBTQIAPN+.

Material cedido ao Correio

Caderno apreendido tinha rascunho sobre como fazer arma caseira

Material cedido ao Correio

Adolescentes estariam fabricando armas caseiras

Investigações

As ordens judiciais foram cumpridas na segunda-feira, em endereços ligados aos adolescentes. Foram apreendidos materiais relacionados ao extremismo violento, como apologia ao nazismo, racismo, planos de ataque às escolas, celulares, computadores e outros itens. Segundo a polícia, um dos suspeitos está em tratamento psiquiátrico. O outro foi encaminhado à Delegacia da Criança e do Adolescente II (DCA II).

Especialista em crimes cibernéticos, Rodrigo Fragola destaca que o uso de redes sociais por grupos extremistas ou indivíduos que planejam atos violentos é uma realidade. "Principalmente, na divulgação e captação de pessoas que se alinham à 'causa'. Desse modo, ao monitorar as redes sociais, as autoridades podem identificar comportamentos suspeitos, ameaças e planos de ataque, antes que eles sejam executados. Isso possibilita que a polícia atue de forma proativa, ao invés de reagente, evitando que tragédias aconteçam", afirma.

Fragola alerta que muitos desses planejamentos são coordenados em grupos fechados ou fóruns na internet, onde os participantes compartilham ideologias, métodos e incentivos. "O monitoramento desses grupos, além de ajudar a desarticulá-los, pode identificar redes de apoio a esse tipo de ameaça. Muitos dos discursos de ódio que temos observado têm um certo padrão. Símbolos, frases, palavras específicas e métodos de atuação, o que pode indicar alguma fonte de indução ou de informação comum", detalha.

"É fundamental que as escolas e as famílias trabalhem juntas para ensinar aos jovens sobre ética e cidadania digital, o que é aceitável e o que não é no ambiente on-line. Isso inclui respeito, empatia e a compreensão de que as ações virtuais têm consequências reais", frisa. "Ensinar que existem consequências para crimes virtuais, como o cyberbullying, a difamação e a propagação de ódio, que podem gerar a privação de liberdade e o pagamento de indenizações. Ensinar a identificar golpes, a não compartilhar informações pessoais em excesso e a proteger suas contas também faz parte do aprendizado", complementa.

Medo e tensão

Ao **Correio**, a mãe de uma estudante contou que soube do caso na quinta-feira, quando a denúncia foi feita pela coordenação da escola à Polícia Civil. "Logo que soube, senti um desespero. No dia, minha filha não estava na escola, mas ficou com medo de voltar. Acabou vindo mais pela obrigação do que pela vontade", disse.

Outra mãe, que tem uma filha no 2º ano do ensino médio em uma das escolas envolvidas, relatou que sequer sabia que o caso envolvia a instituição em que a jovem estuda. "Desde a semana passada ela não queria vir para a escola, mas eu não entendia o motivo. Talvez essa situação explique o sentimento dela. Quando soube, veio a angústia e a sensação de impotência", afirmou.

O pai de uma aluna também contou que vive dias de apreensão. "A gente conversa muito sobre esses casos, tento mostrar para minha filha que atitudes assim são um alerta para todos nós, mas nem sempre eles escutam. Graças a Deus, descobriram antes que o pior acontecesse", relatou, aliviado, mas ainda abalado.

Em nota, a Secretaria de Educação informou que encaminhou o caso às autoridades competentes e destacou que a Diretoria de Apoio à Saúde dos Estudantes (Diase) prestará assistência aos envolvidos e às escolas afetadas. "A pasta reafirma seu compromisso com a segurança, o bem-estar e o acompanhamento integral de todos os estudantes, adotando todas as providências necessárias para o esclarecimento e resolução da situação", concluiu.

Outros casos

Em março, o ataque em uma escola pública de São Sebastião colocou em alerta as autoridades e preocupou pais e equipe pedagógica. Minutos depois de o sinal tocar para a entrada dos alunos, um adolescente de 15 anos, armado com duas facas estilo peixeira, feriu três colegas, uma monitora e um professor. Ele foi apreendido em flagrante pela Polícia Militar (PMDF). Na delegacia, confessou o crime e disse sofrer bullying há mais de um ano.

Em maio, outro episódio ocorreu no Guará 2. Um adolescente de 15 anos foi apreendido por planejar um atentado violento, que estaria sendo orquestrado há pelo menos um ano, a uma escola pública. O plano foi descoberto após funcionários da instituição encontrarem uma carta relatando a intenção de matar estudantes. Além da mensagem, havia desenhos com símbolos nazistas.

Na casa do adolescente, que morava com os pais, a polícia encontrou uma machadinha, uma faca, um simulacro de arma de fogo e cartas com símbolos presentes em outros ataques a escolas, cuja autoria foi assumida pelo menor.

» Leia mais na página 14